

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DE USUÁRIOS E INTÉRPRETES DA TRILHA DO JEQUITIBÁ, PARQUE ESTADUAL DOS TRÊS PICOS, RIO DE JANEIRO



OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – ISSN: 1982-7784 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

Silvia Marie Ikemoto [1]
Moemy Gomes de Moraes [2]

INTRODUÇÃO

O Parque Estadual dos Três Picos (PETP) localiza-se no leste do estado do Rio de Janeiro e abriga o bioma Mata Atlântica, um dos mais ameaçados do Brasil. Apesar de suas áreas representarem grande importância ecológica, econômica, social e cultural, com excepcional biodiversidade e elevadas taxas de endemismo, a Mata Atlântica sofre pressão antrópica e está submetida aos efeitos do processo de fragmentação, apresentando apenas 6,98% de sua cobertura vegetal original (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA; INPE, 2008), sendo urgente a definição de ações para sua conservação. Por serem áreas limítrofes aos centros urbanos e ocupações humanas, há extrema necessidade de coordenar as políticas, o ordenamento urbano e o desenvolvimento social e econômico das populações com o uso sustentável e a conservação da Mata Atlântica.

Nesse contexto, a Educação Ambiental (EA) e a Interpretação Ambiental (IA) são instrumentos chave para o alavancamento e concretização das mudanças de atitudes e valores. A percepção ambiental, por sua vez, tem ganhado destaque como instrumento de gestão em áreas naturais protegidas, sendo utilizada como ferramenta para a escuta ou a compreensão dos valores, expectativas e necessidades de visitantes, populações locais e funcionários, auxiliando principalmente no gerenciamento de conflitos e na IA.

A importância da pesquisa sobre percepção para a gestão ambiental foi ressaltada na proposição da UNESCO apud De Fiori (2006, p.5), em que:

uma das dificuldades para a proteção dos ambientes naturais está na existência de diferenças nas percepções dos valores e importância dos mesmos entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos sócio-econômicos que desempenham funções distintas, no plano social, nesses ambientes.

Segundo Macedo et al. (2007), os estudos de percepção ambiental são essenciais para se conhecer o perfil dos ecoturistas visitantes e referenciar programas de EA e IA em Unidades de Conservação (UCs), além de possibilitar a escuta e compreensão das comunidades que estão na área de influência destas unidades operacionais – suas histórias de vida, seus anseios e necessidades, seus medos e sua relação com o meio natural.

Em função da relevância do tema, através desse estudo, buscou-se compreender de que forma os atores da visitação e da IA se relacionam entre si e com o PETP, especialmente aos principais espaços de contato entre o visitante e o ambiente natural, ou seja, a trilha, discutindo as implicações das relações entre indivíduo-espaço para a conservação ou degradação do meio ambiente, e conseqüentemente, para o sucesso da Educação e Interpretação Ambiental em UCs.

METODOLOGIA

Foram considerados no presente estudo como atores da visitação e Interpretação Ambiental do PETP os guias, condutores ou monitores, consensualmente chamados neste estudo como *intérpretes*, e os visitantes. Estes podem ser diferenciados entre visitantes comuns (excursionistas, turistas, moradores locais, entre outros), que buscam principalmente o lazer e a recreação, e grupos escolares (professores e alunos em excursão), que tem como principal objetivo em

sua visita obter conhecimentos e vivências ambientais. Dessa forma, a percepção desses atores foi analisada separadamente.

Para o estudo da percepção ambiental dos atores do PETP, foi necessário o prévio conhecimento de quem eles são, seus perfis e suas características, de modo a buscar melhor compreender suas atitudes e motivações. Para a caracterização e levantamento do perfil dos atores, aplicaram-se formulários aos visitantes e intérpretes. Os dados foram coletados por meio de entrevistas diretas e pessoais, com os dados sendo preenchidos pelo entrevistador. Aos grupos escolares, que possuíam fortes restrições de horário e disponibilidade dos atores durante a visita, aplicaram-se questionários, onde os dados são preenchidos pelo entrevistado, sem interferência direta do pesquisador. O questionário/formulário foi baseado nos modelos de Vasconcellos (1998), Costa (2006) e Malta (2008). Após a aplicação do formulário pré-teste e suas devidas correções, o modelo final de questionário/formulário foi aplicado somente aos visitantes e grupos escolares que já haviam percorrido a trilha do Jequitibá e vivenciado as atrações e serviços do Parque.

Segundo Gaskell (2002), a finalidade real da pesquisa qualitativa não é quantificar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, compreender o espectro de opiniões, as diferentes representações de um assunto em questão, o que os justificam e os fundamentam. Essa premissa parte do pressuposto que, apesar de parte dos entrevistados possuírem diferentes posições e visões, há um número limitado de pontos de vista sobre um tópico. Dessa forma, para a compreensão da percepção ambiental dos atores do PETP, adotou-se como método de estudo as entrevistas semi-estruturadas e a observação participante. Após o reconhecimento de campo, foram formulados os seguintes questionamentos norteadores:

Aos atores:

- Quais são seus papéis e o que se espera dos mesmos dentro da

Interpretação Ambiental?

- Como se relacionam com o PETP?

Especificamente aos visitantes e grupos escolares:

- Quais são suas sensações e quais seus aspectos topofílicos e topofóbicos em relação aos espaços naturais do PETP (trilha)?
- Qual é o grau de satisfação e de aprendizado durante a visita?
- Quais suas expectativas e motivações na visita ao PETP?

A observação participante constituiu-se do monitoramento de atitudes, expressões e gestos dos atores vinculados aos questionamentos anteriormente citados, durante as entrevistas e as visitas acompanhadas, sendo os aspectos pertinentes registrados em caderno de campo. Nas entrevistas, após abordagem inicial, com o consentimento do entrevistado, iniciava-se a gravação e aplicava-se o formulário com as questões objetivas, identificando o perfil do visitante, e em seguida, as questões semi-estruturadas.

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsnajder (1998), o objetivo amplo da análise é o de procurar sentidos e a compreensão dos dados, que neste caso, foi realizado a partir do discurso e atitudes dos sujeitos. Segundo metodologia de Panosso Netto (2005), as respostas dos entrevistados foram transcritas ao todo, em seguida foram selecionadas em suas partes principais. Posteriormente, foi feita a redução das unidades de significados, na qual se buscou destacar as idéias fundamentais de cada uma delas, vinculando-as com asserções articuladas, tentando se aproximar do significado primeiro do que o entrevistado quis dizer com sua resposta¹.

A partir do somatório dos valores atribuídos por cada visitante, também foi determinado em ordem decrescente o grau de preferência a determinado meio de interpretação, no qual os maiores valores representam maior preferência.

A INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL EM UCs

A Interpretação Ambiental é reconhecida como estratégica dentro do planejamento das Unidades de Conservação por sua importância educativa e social. Segundo as Diretrizes para visitação em UCs, a IA deve ser adotada “como uma forma de fortalecer a compreensão sobre a importância da UC e seu papel no desenvolvimento social, econômico, cultural e ambiental”, utilizando-se de diversas técnicas de modo a “desenvolver a consciência, apreciação e o entendimento dos aspectos naturais e culturais, transformando a visita em uma experiência enriquecedora e agradável.” (BRASIL, 2006, p.18). Conforme o mesmo documento, o projeto de interpretação deve ser elaborado de forma participativa, envolvendo a sociedade local, e por uma equipe multidisciplinar, sendo uma ferramenta de minimização dos impactos negativos naturais e culturais. Além disso, deve também utilizar uma linguagem acessível ao conjunto dos visitantes, levar em conta os objetivos gerais e específicos da UC, e ser fundamentada em informações consistentes sobre aspectos naturais e culturais locais, visto a particularidade de cada localidade.

As trilhas são um poderoso instrumento educativo nas Unidades de Conservação, já que são o grande alvo da visitação e da IA e por constituírem em si o principal espaço de interação entre o visitante e o meio ambiente natural. Através delas, o visitante pode se sensibilizar, observar e compreender elementos, fenômenos e inter-relações do meio natural, constituindo, portanto, a unidade de estudo do presente trabalho, o que é enfatizado por Lima (1998, p. 2),

A combinação de fatores recreacionais e educativos reveste-se de um sentido especial nas trilhas interpretativas do meio ambiente ao amalgamar curiosidade, imaginação, variedade de estímulos, informações temáticas, companheirismo – “[...] onde cognição e afetividade estão mescladas. [...] Na realidade, a experiência de uma trilha é impossível de ser restringida aos conteúdos referentes aos ecossistemas, ciclos vitais, recuperação e proteção, poluição e degradação, entre outros.[...]” A implantação de trilhas interpretativas em áreas urbanas, rurais, silvestres, seja pelos seus valores histórico-culturais e estéticos ou, no caso de parques e unidades de conservação devido aos seus valores ecológicos, científicos, cênicos, etc.,

tem contribuído de modo significativo para a Educação Ambiental, aproximando os seres humanos às suas paisagens.

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL EM UCS: CONCEITOS

É consensual que o homem provoca grande interferência e impactos no espaço em que ocupa. Sua percepção, valores e o comportamento, dessa forma, não devem ser excluídos da discussão das questões ambientais. O estudo da percepção ambiental do ser humano pode contribuir na compreensão da forma que os diferentes indivíduos e grupos sociais se relacionam com o espaço que ocupam, e suas implicações para a conservação ou degradação do meio ambiente. Assim, o estudo da percepção ambiental possui importantes implicações para o sucesso da Educação Ambiental e para o planejamento. Para Tossini (2005, p.46), entender a compreensão da paisagem para um indivíduo ou grupo através do estudo da percepção contribui para compreender o sentimento e atitudes em relação aos lugares e fornece importantes elementos para a identificação dos graus de valorização do meio ambiente, podendo auxiliar em uma intervenção que melhore, quando necessário, a relação do grupo com a paisagem abordada.

Segundo Pacheco e Silva (2006, p. 3), na literatura de percepção ambiental no Brasil, distinguem-se duas vertentes principais de orientação epistemológica: a vertente estruturalista, que receberia influências de trabalhos pioneiros anglo-saxões, notadamente de Lynch e Cullen; e a vertente fenomenológica, que teria em Tuan e na Geografia Humanística a sua inspiração mais forte.

A fenomenologia assume que tudo aquilo que se sabe do mundo, mesmo por intermédio da ciência, sabe-se a partir de visão ou experiência do mundo de outrem, e segundo Merleau-Ponty (1999), o homem é valorizado como sujeito de todo conhecimento como de todo objeto possível de experiência e reflexão. O estruturalismo, por sua vez, busca a neutralização do sujeito e o positivismo nas ciências humanas. Segundo Irving (2003), na interpretação do lugar turístico, o ator

social é o protagonista e sem ele não existe espetáculo, sendo por isso necessário mapear a percepção, expectativas e motivações dos que estão e dos que virão a compor o lugar turístico. Dessa forma, no presente estudo, optou-se pela abordagem fenomenológica, de modo a valorizar a participação e o potencial dos atores envolvidos no Uso Público e Interpretação Ambiental.

A fenomenologia não explica as experiências vividas, mas sim a interpretação dos fatos e dos sentimentos vivenciados pelos sujeitos, e buscando descrevê-los, permitindo revelar diferentes aspectos e padrões de experiência dos indivíduos. Segundo Tuan (1980, p. 4), a percepção é:

[...] tanto resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem à sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor pessoal, para sobrevivência biológica, para propiciar satisfações enraizadas na cultura.

Segundo o mesmo autor, a partir da experiência, quando agradável, o ser humano pode desenvolver laços afetivos positivos (topofilia), e no contrário, laços afetivos negativos ou sentimento de aversão (topofobia). As experiências então são internalizadas, auxiliando na construção da percepção que os cidadãos possuem do ambiente onde vivem e se relacionam. A atitude, por sua vez, tem maior estabilidade que a percepção, é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências, e implica em certa firmeza de interesse de valor.

Embora as experiências possam parecer únicas ao indivíduo, para Gaskell (2002), as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais, em alguma medida, elas são o resultado de processos sociais. E, neste ponto, representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas em um meio social específico são, em parte, compartilhadas. Ferreira (2005, p. 3) também afirma que:

Embora as percepções sejam, no limite, subjetivas para cada indivíduo, elas são fortemente influenciadas pela cultura. As representações coletivas de

lugar e de território, criadas por cada grupo, revelam o modo como se vive e se planeja o espaço. Assim o conhecimento do mundo físico é tanto perceptivo quanto representativo/interpretativo, e ele não está só nas atividades de observação e reflexão sobre o ambiente, mas nas histórias das pessoas, nos mitos, nas festas populares.

Dessa forma, apesar das peculiaridades de cada indivíduo, o estudo da percepção ambiental em UCs visa possibilitar aos administradores compreender o espectro de expectativas, motivações, impressões e sensações de seus atores (visitantes, funcionários, moradores locais, entre outros) em relação à Unidade.

O PARQUE ESTADUAL DOS TRÊS PICOS E SUA IMPORTÂNCIA REGIONAL

O Parque Estadual dos Três Picos (PETP) foi criado pelo Decreto Estadual nº 31.343 de 05 de junho de 2002 (RIO DE JANEIRO, 2002), e é a maior Unidade de Conservação (UC) de proteção integral estadual do Rio de Janeiro, com 46.350 hectares de área (figura 1), sendo administrado pelo Instituto Estadual do Ambiente do Rio de Janeiro (INEA). Sua área divide-se entre os municípios de Cachoeiras de Macacu (49,1%), Teresópolis (19,9%), Nova Friburgo (19,7%), Silva Jardim (7,1%) e Guapimirim (4%), constituindo uma área de integração de área florestal junto ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos e à Estação Ecológica do Paraíso (RIO DE JANEIRO, s.d.). Devido a sua expressiva extensão e a grande variação altimétrica, a UC abriga diversas paisagens de grande beleza cênica e possui elevados níveis de biodiversidade (figuras 2, 3 e 4). A proximidade do Parque aos grandes centros urbanos, como Niterói e Rio de Janeiro, e sua conexão estratégica com o circuito turístico serrano corroboram sua grande potencialidade e vocação educativa e ecoturística. Apesar da relevância do PETP no contexto regional, há poucos estudos e dados científicos sobre a UC, o que se deve em parte a sua recente criação e estruturação.

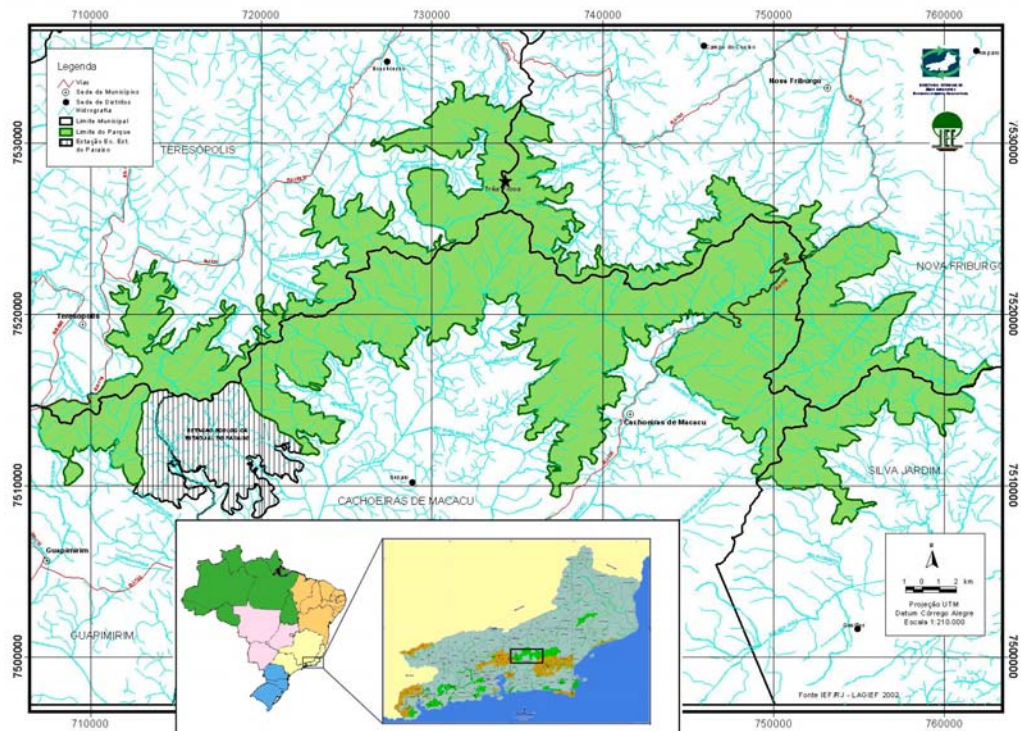


Figura 1: Parque Estadual dos Três Picos, seus limites e municípios limítrofes. O PETP (área verde) faz fronteira com a Estação Ecológica do Paraíso (área hachurada). Fonte: Instituto Estadual de Florestas do Rio de Janeiro (IEF/RJ), 2002 apud Ikemoto (2008)



Figura 2: Vista para os “Três Picos”, formação rochosa que deu origem ao nome da UC. Trilha do Pico Menor. Núcleo Salinas, Parque Estadual dos Três Picos (PETP), RJ. Foto: Silvia Marie Ikemoto, fev/2007.



Figura 3: Atrações e paisagens do PETP: (A) Cachoeira que integra o conjunto de cachoeiras denominadas de “Sete Quedas”, abertas ao público, Cachoeiras de Macacu; (B) Vista das formações florestais do PETP, Trilha do Imperador, Cachoeiras de Macacu; (C) Vegetação típica de campos de altitude, Trilha do Pico Menor, Salinas. Fotos: Sílvia Marie Ikemoto, fev/2007



Figura 4: Núcleo Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu. A. Sede administrativa. B. Infra-estrutura das trilhas do Núcleo Boca do Mato. C. Sala de Recepção da Sede Administrativa, onde grupos escolares são sensibilizados por meio de vídeos. Fotos: Sílvia Marie Ikemoto, maio/2007.

A escolha do PETP como local de estudo justifica-se, portanto, por sua importância sócio-econômica e turística, pelo alto potencial interpretativo de suas paisagens, aliado à carência de pesquisas científicas na unidade.

No sistema de trilhas do PETP, a Trilha do Jequitibá (Núcleo Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu) destaca-se pela sua representatividade, alto índice de visitação e atratividade (figura 5 e 6), o que determinou que fosse escolhida como unidade de estudo do presente trabalho.



Figura 5: Pontos de interpretação da trilha do Jequitibá, Núcleo Boca do Mato, PETP: (A) Entrada da “Trilha do Jequitibá”, com portal e placa interpretativa, que oferece informações sobre a trilha e normas de visitação; (B) Guarda-parque interpretando a Placa “Solo” e modelo de terrário para grupo de alunos. Fotos: Sílvia Marie Ikemoto, jul./2007.

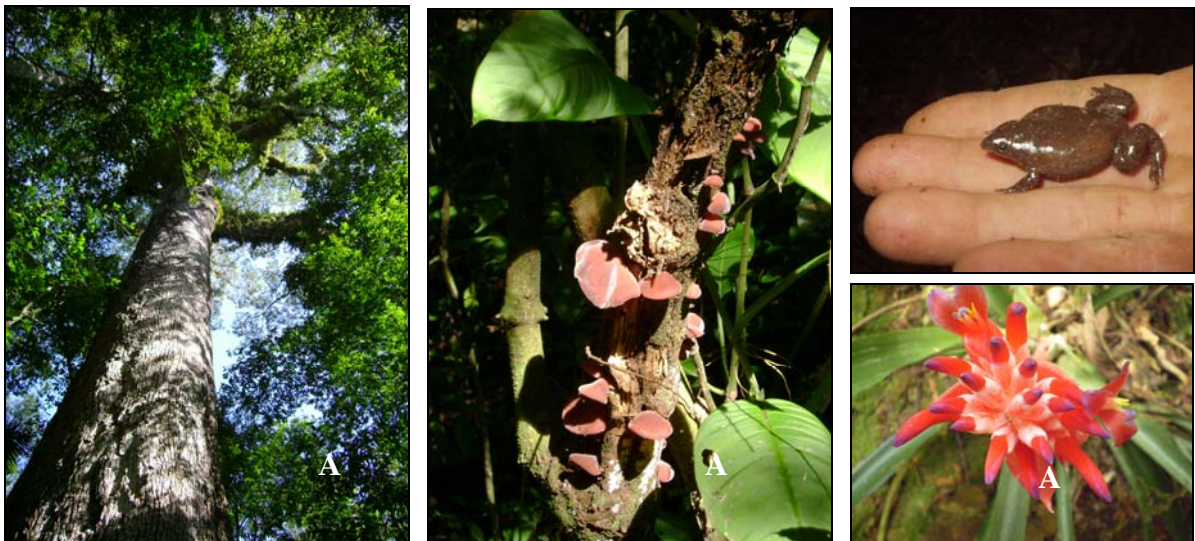


Figura 6. Atrativos da Trilha do Jequitibá. A. Exemplar de jequitibá-rosa (*Cariniana legalis* Mart.), principal atrativo da trilha, com idade estimada em aproximadamente mil anos. B. Tronco em decomposição. C. Anfíbio comumente encontrado sob troncos caídos e folhas secas. D. Bromélia em floração. Fotos: Moemy Gomes de Moraes e Sílvia Marie Ikemoto, jun./2007

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O perfil e a percepção do intérprete

O intérprete é responsável não só por grande parte das impressões que o

visitante tem a respeito da unidade, como desempenha papel essencial na conservação e valorização dos patrimônios históricos, culturais e naturais locais. A percepção do condutor sobre a atividade interpretativa e os atores envolvidos pode trazer à tona questões pertinentes sobre a IA, já que o condutor é, em sua essência, um facilitador e dinamizador da aprendizagem, agregando segurança, qualidade e conhecimento à visita.

Os intérpretes no PETP eram seus próprios funcionários, 06 homens e 01 mulher, na maioria guarda-parques. Abrangiam a faixa etária dos 21 aos 45 anos, e quanto ao grau de instrução, apresentavam ensino fundamental e/ou médio completo. Com a exceção de um funcionário, não possuíam atuação anterior na área e cursos de capacitação específicos.

A partir da transcrição das falas dos sujeitos, as principais considerações dos entrevistados foram selecionadas, destacando-se as idéias fundamentais de cada um deles por meio da redução de unidades de significados, método demonstrado no quadro 1. Dessa forma, as considerações e discussões desenvolvidas a seguir baseiam-se na análise das unidades de significado e na observação participante.

Quadro 1: Análise da percepção do intérprete do Parque Estadual dos Três Picos, RJ.

Discurso na linguagem do sujeito:	Redução das unidades de significado
<p><i>“A importância do parque é que é uma referencial ambiental grande, e o município, com a característica que tem, de seus recursos naturais, além de belezas cênicas e tudo mais, propiciado por esses recursos naturais...”.</i></p> <p><i>“Qual é a importância do parque para a Educação Ambiental? É uma referência que tem uma infra-estrutura que pode ajudar, na questão de receber pessoas para estarem falando sobre a questão de queimadas, como a gente passa vídeo e tudo mais, a própria trilha interpretativa, onde você pode estar trabalhando a EA, e é isso. E para que as pessoas possam respeitar e preservar aquilo que o município tem”.</i></p>	<p>O parque é uma referência ambiental do município e da região.</p> <p>O Parque é uma referência em EA, pois oferece infra-estrutura e diversos meios de Interpretação Ambiental (vídeos, trilhas, palestras).</p> <p>O parque é uma referência ambiental do município (Cachoeiras de Macacu).</p>

Fonte: Ikemoto (2008)

Na trilha do Jequitibá, os guias apontaram como um dos problemas o fato dos visitantes buscarem somente chegar ao seu destino final, no caso, o atrativo que dá o nome a própria trilha, além da sua compreensão limitada sobre a finalidade de uma UC. Segundo Talora et al. (2006), o papel intrínseco que cumprem as UCs, dentro de uma região ou país, não parece ser tão difundido. Para os funcionários, o entendimento do visitante sobre as áreas protegidas é precário, muitas vezes limitado à utilização indireta das áreas protegidas para fins de lazer e recreação. Ou seja, o usuário percebe o parque como espaço turístico, mas o associa fracamente como uma unidade ambiental conservacionista, educacional e fiscalizatória.

Assim como o visitante tem desejos e expectativas sobre o destino turístico, o intérprete possui expectativas sobre o público, tais como a atenção, curiosidade e o respeito do mesmo a todo o corpo da UC. Segundo o discurso do sujeito (intérprete), há grandes dificuldades para lidar com alunos e grupos desinteressados, respondendo negativamente a esse público. Apesar de realizar a atividade com esses grupos, são desmotivados no objetivo de promover sua sensibilização. Dessa forma, a interpretação é minorada naqueles que mais necessitam ser trabalhados, conscientizados, o que reflete a falta de preparo e de didática dos condutores. Esse fato está associado à falta de capacitação tanto do funcionário, que deve estar apto para utilizar recursos e técnicas para minorar a dispersão e despertar o interesse do público, de forma a trabalhar com diversos perfis de visitantes e estar consciente de seus diferentes graus de motivação.

Na literatura existente várias são as considerações feitas ao intérprete, no entanto, poucos são os apontamentos referentes ao visitante, ao aluno e aos professores, atores igualmente participantes e envolvidos na Interpretação Ambiental, que não devem ser excluídos de sua importância no processo. Na percepção dos condutores, o professor tem relevante papel no sucesso da atividade interpretativa. Os alunos devem ser preparados pelo educador para visitar a unidade, sabendo que o objetivo principal é o aprendizado. O papel do professor também seria o de estimular o grupo, associando a interpretação ao conteúdo

abordado em sala de aula, e de regular o comportamento e atitude dos alunos.

Muitas das vezes, como apontado pelos intérpretes, o próprio educador desconhece as normas da UC e desenvolve uma conduta inadequada nos ambientes naturais, pois grande parte do público que visita as UCs não conhece as normas e diretrizes de visitação de uma área protegida, reproduzindo comportamentos e posturas de ambientes urbanos, inadequados e impactantes para o meio natural. Dessa forma, o processo educativo deve iniciar-se anteriormente   visitação da UC. Como educador e potencial multiplicador, também cabe ao professor não são participar da IA, como conhecer e informar as normas existentes para a visitação, preparando os alunos quanto   postura em ambientes naturais e garantindo a conserva o desses espaços.

A partir do questionamento sobre o papel do condutor/intérprete e sobre sua conduta adequada numa UC, os intérpretes reconhecem que seu objetivo   sensibilizar o visitante sobre a importância do meio ambiente e do trabalho desenvolvido pela institui o. Para isso, devem ser objetivos, dinâmicos e utilizar linguagem acessível. Os funcionários do PETP em unanimidade levantaram a questão da capacita o profissional, o que seria, em seus pontos de vista, um grande limitador do desempenho. O funcionário percebe suas deficiências, e considera que no caso das atividades educativas e interpretativas, somente a vivência e a experiência do trabalho não seriam suficientes para capacit -lo para a IA. Relatam, também, que na ausência de capacita o, adquirem e repassam o conhecimento de forma oral, reconhecendo que essa fonte de informa o não   completamente confiável.

Segundo os intérpretes, fatores externos como a falta de agendamento de visitas, a altera o do horário previamente definido e as deficiências no transporte escolar público podem comprometer a qualidade da visitação, devendo também ser analisados. As sugestões dos intérpretes para melhorias no PETP incluem melhorar a sensibiliza o e as informa es prestadas aos visitantes através de placas, vídeos,

o aperfeiçoamento dos materiais existentes, capacitação para condutores e a criação de um núcleo de Educação Ambiental. Ainda segundo os intérpretes, para uma maior efetividade, a Interpretação Ambiental deve não se limitar à UC, devendo ser levada às escolas e à comunidade.

O perfil e a percepção dos visitantes

O perfil dos visitantes, abaixo delineado, não teve como finalidade caracterizar e representar o universo dos visitantes do PETP, e sim identificar e qualificar o objeto de estudo, ou seja, universo específico dos grupos entrevistados, facilitando a análise da percepção.

O público alvo é predominantemente constituído por homens adultos com alto grau de instrução (Figura 7A e 7B), e 65% dos entrevistados possuíam de 21 a 50 anos (Figura 8A). Os principais visitantes do PETP são os moradores da cidade do Rio de Janeiro (34,8%), seguido dos moradores de Cachoeiras de Macacu (19,6%), São Gonçalo (8%) e Maricá (8%) (Figura 8B), ou seja, apesar da UC receber públicos de outros locais e estados, a maior parte dos visitantes é procedente de cidades vizinhas ou próximas ao parque. Cerca de 20% dos entrevistados visitam o PETP com frequência (Figura 9A) e 42% conhecem o parque há muitos anos (figura 10A), dados relevantes que indicam que parte expressiva dos visitantes tem uma relação próxima com a UC. Há maior representatividade dos grupos de 02 a 04 pessoas (42%) (Figura 9B), e a divulgação foi a realizada principalmente através de indicação de amigos e parentes (56%) (Figura 10B).

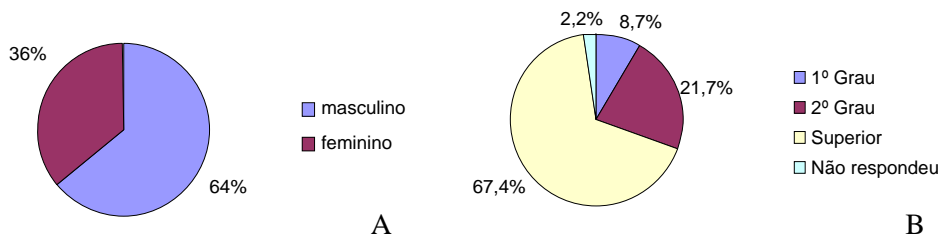


Figura 7: Gênero dos visitantes entrevistados do Parque Estadual dos Três Picos (A) e seu grau de escolaridade (B). Fonte: Ikemoto (2008)

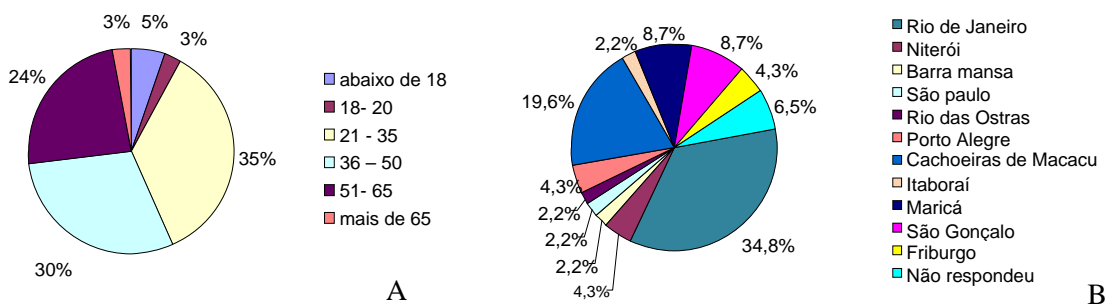


Figura 8. Faixa etária dos visitantes entrevistados (A) e cidade de origem dos visitantes entrevistados que visitam o PETP (B). Fonte: Ikemoto (2008)

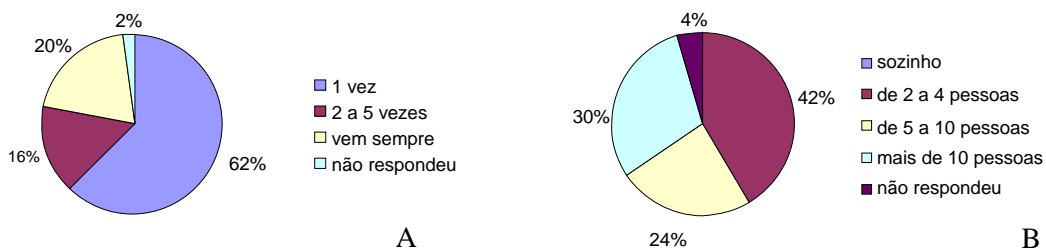


Figura 9. Número de vezes que o visitante já veio ao Parque Estadual dos Três Picos (A) e tamanho do grupo de visitantes entrevistado (B). Fonte: Ikemoto (2008)

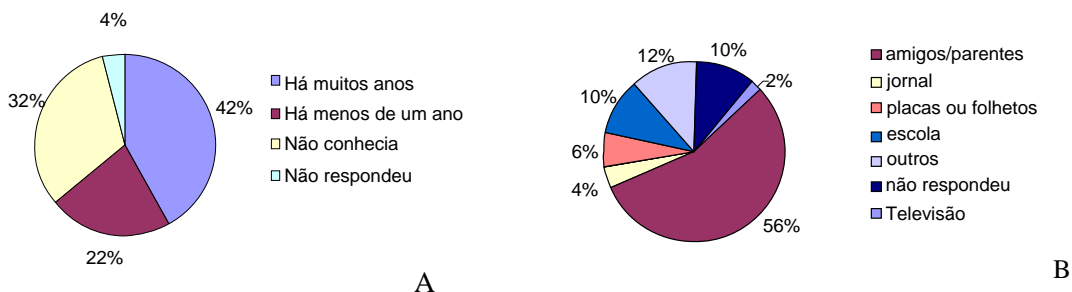


Figura 10: Tempo que o visitante afirmava conhecer o PETP (A) e forma através da qual o visitante conheceu o PETP (B). Fonte: Ikemoto (2008)

Segundo os entrevistados, o grande motivador da visitação ao parque (figura 11A) é o exemplar de Jequitibá-rosa milenar (93,1%), sendo a trilha do Jequitibá o local mais visitado, freqüentado por 100% dos entrevistados (figura 11B). Logo, a Trilha do Jequitibá pode ser percebida como o principal atrativo e meio de interpretação do PETP.

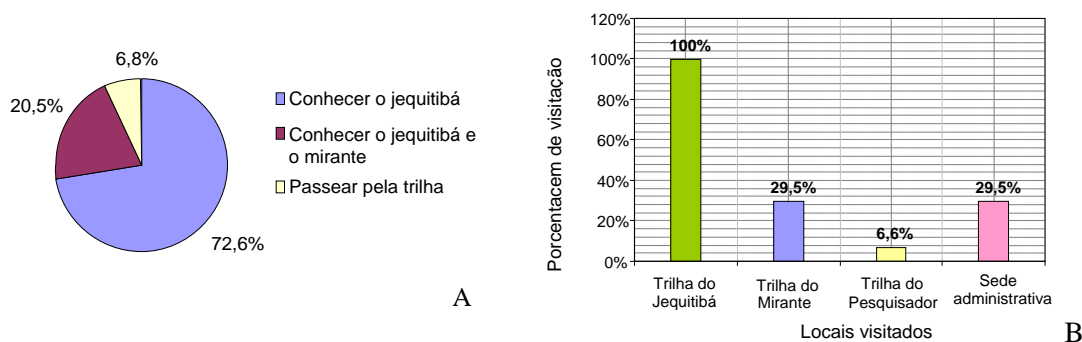


Figura 11: Principal fator motivo pelo qual o visitante veio ao PETP (A) e locais visitados pelo público do PETP (B). Fonte: Ikemoto (2008)

As principais considerações dos entrevistados foram selecionadas, destacando-se as idéias fundamentais de cada um deles por meio da redução das unidades de significados do discurso dos sujeitos e da observação participante, e embasaram as considerações e sugestões apresentadas a seguir.

Para os visitantes, o manejo e a revitalização da Trilha do Jequitibá atenderam ou até superaram as suas expectativas. Eles valorizaram a presença das placas, o fácil grau de acesso e as intervenções que minimizam possíveis riscos ao visitante, transmitindo a sensação de segurança e de que existe um cuidado da área. Freqüentadores antigos comparam a trilha antiga com a atual e percebem que a implantação do parque foi positiva.

É interessante perceber que grande parte dos visitantes do Parque possui uma visão essencialmente estética da paisagem. O visitante não-local aprecia a beleza da paisagem, a avifauna, a singularidade da flora, além das sensações de bem estar, tranqüilidade e quietude que o ambiente natural proporciona. Segundo

Rodrigues (2001), é a visão de um estranho, onde o mesmo julga pela aparência, por algum critério formal de beleza, já que não desenvolveu uma história naquele local, se prendendo a dimensões concretas e sensoriais da paisagem. Muitas das vezes, parecerem remeter ao neo-mito da natureza intocada de Diegues (2001).

Quanto ao visitante morador ou freqüentador do local, a sua percepção não se detém simplesmente aos componentes biofísicos da paisagem. A visão do local é acompanhada de vivências, da compreensão da área a partir de seu uso histórico. Ao contrário dos visitantes comuns, por terem acompanhado o processo de ocupação percebem a área como uma floresta já alterada pelo homem e passível de sofrer degradação e não como um local inatingível, intocado. Além disso, reconhecem e valorizam a área pela sua relevância história, cultural e natural ao município, sendo parte da identidade do morador local.

O visitante, de forma em geral, desenvolve aversão a animais e locais fechados e escuros pela imprevisibilidade e pelos riscos que os mesmos oferecem. Da mesma forma que impacta, polui e degrada os locais de visitação do Parque, o visitante desaprova a presença de lixo e vandalismo, atribuindo ao PETP a responsabilidade de minorar os impactos e preservar a área.

Parte dos usuários do PETP, apesar de valorizarem a vivência plena das áreas naturais e os obstáculos que agregam aventura e emoção na trilha, percebe que as intervenções realizadas na trilha foram relevantes. Cuidados devem ser tomados para que as intervenções não descaracterizem o ambiente e se tornem grosseiras intromissões na paisagem, sendo desvalorizadas e questionadas pelo visitante.

Na percepção do visitante, é importante ter funcionários circulando a Unidade, principalmente, nos finais de semana prolongados, de forma a garantir a segurança e a orientação do público. Os entrevistados sentiram falta de lixeiras, fontes de água, locais de descanso (bancos) e placas educativas de identificação de espécies

arbóreas e de prevenção de crimes/impactos ambientais. Segundo Irving (2002), assim como a demanda do ecoturismo em UCs se amplifica, cresce a exigência do turista do século XXI. O ecoturista, em sentido pleno, não quer apenas observar, mas também quer conhecer o bem natural; e para isso busca os meios de acesso a sua vivência integral na natureza. O usuário quer o ambiente natural preservado e por isso sente a necessidade da presença de funcionários que conscientizem, orientem e informem o público de forma a minimizar os impactos nos locais de visitação.

Ao final da visita, muitos ainda desejavam obter mais informações sobre o PETP (Figura 12), principalmente sobre o seu aspecto histórico, seus principais problemas e sobre sua vegetação, sendo pontos a serem trabalhados no programa de IA da unidade.

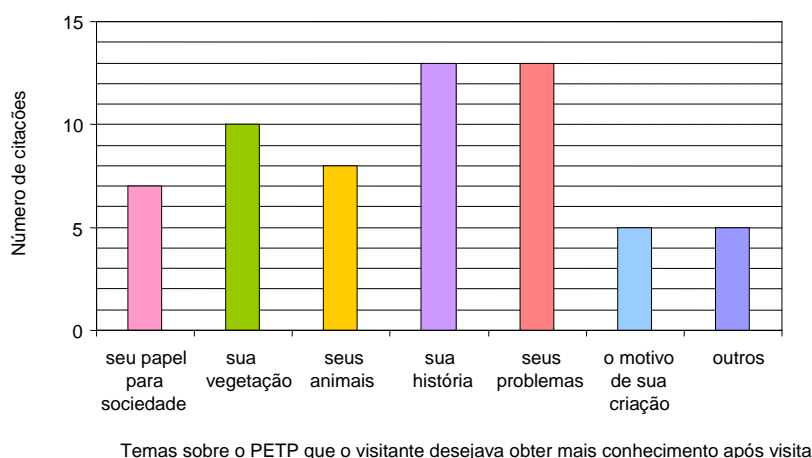


Figura 12. Temas sobre o PETP que visitante desejava obter mais conhecimento após a visita e número de citações dos mesmos. Fonte: Ikemoto (2008)

Quanto ao aprendizado, 66,6% dos visitantes consideraram ter aprendido algo na trilha, e 33,4% afirmaram não ter aprendido nada na trilha uma vez que o aprendizado não era o objetivo da visita (quadro 2). Dessa forma, a motivação do público para a reflexão e aprendizado é diferenciada, o que não impede, no entanto, que o público desfrute da beleza, singularidade e sensações topofílicas

proporcionadas pela trilha, ou seja, se sensibilize e desfrute daquele espaço.

Quadro 2: Grau de aprendizado do visitante, segundo sua própria percepção.

Aprende durante a visita	Discurso na linguagem do sujeito
Muito (44,5%)	<i>“Cada vez a gente aprende um pouco mais... Eu nunca tinha visto uma árvore grande como esta.”</i> <i>“Eu acho que a gente sempre aprende, a gente sempre está trocando, conversei contigo, sentei, observei a árvore.”</i>
Algumas coisas (22,1%)	<i>“Mais ou menos.”</i>
Fora do objetivo (33,4%)	<i>“A gente veio ver o jequitibá, não para aprender.”</i> <i>“Eu não aprendi. Ainda mais que a gente não veio com o intuito de aprender.”</i>

Fonte: Ikemoto (2008)

Apesar da totalidade dos visitantes não ser enquadrada no conceito de turista, o resultado apontado pode estar relacionado à dinâmica do movimento turístico, que é altamente diferenciada quanto ao deslocamento, finalidade, tempo de permanência, oportunidades e anseios. Segundo Ruschmann (1997), há ainda a falta de uma cultura ou consciência turística dos visitantes, que se comportam de forma alienada ao meio que visitam e desfrutam, não assumindo a sua co-responsabilidade na conservação dos espaços turísticos, da natureza e da originalidade das destinações. Entendem também o tempo livre como algo a ser otimizado, e que tem direito ao uso daquilo pelo qual pagaram, ou seja, desenvolvem a percepção distorcida do meio natural como mais um dentre os objetos de consumo do destino turístico.

Quanto ao grau de preferência a determinado meio de interpretação (quadro 3), os visitantes apreciam primeiramente receber informações em trilhas, dando preferência às placas interpretativas e em seguida aos guias. O guia é importante para orientar o visitante, fornecer informações e tirar dúvidas, sendo sua presença valorizada pelo público, no entanto, as placas dão autonomia e liberdade, o que

parece determinar a pequena vantagem na preferência. Depois de placas e guias nas trilhas, o centro de visitante é o meio de interpretação mais apreciado, seguido dos folhetos explicativos. Esses, no entanto, não são valorizados em unanimidade pelos entrevistados por serem descartáveis e por não garantirem a orientação aos visitantes. Em seqüência seguem as fotos/pinturas, vídeos, palestras, painéis/pôsteres, coleções de fauna/flora e jogos/dinâmicas, que são valorizados, mas percebidos como mais adequados às escolas.

Quadro 3. Ordenamento dos meios de interpretação em função do grau de preferência dos visitantes, obtido através da soma do valor atribuído pelos visitantes.

Meio de interpretação	Valor
Placas informativas	69
Trilhas com guias	62
Centro de Visitantes	59
Folhetos explicativos	54
Fotos e pinturas	49
Vídeos	44
Palestras	44
Painéis e pôsteres	40
Coleções de fauna e flora	40
Jogos e dinâmicas	35

Fonte: Ikemoto (2008)

A percepção dos alunos e professores

Foi realizada a observação participante em 07 grupos escolares (aproximadamente 265 visitantes). Aplicaram-se os questionários, mas em função ao curto tempo de permanência dos grupos na UC, poucos alunos e professores os preencheram ou devolveram, totalizando 40 questionários preenchidos.

O público em questão é predominantemente constituído por mulheres jovens (Figuras 13A e 13B), e 66% dos alunos cursam o ensino fundamental e 21% o

ensino médio (Figura 14A). A grande maioria é residente de municípios limítrofes, como Cachoeiras de Macacu (49%) e Nova Friburgo (45%), apesar de receber eventualmente escolas de outros municípios (Figura 14B). Entre os alunos, 59% já conheciam a existência da unidade há pelo menos um ano (Figura 15 A), mas somente 16% já haviam visitado o local (Figura 15B). Grande parte dos estudantes (46%) soube da existência do parque e obtiveram informações sobre o PETP na escola (Figura 16A), que constitui, portanto, importante veículo para divulgação da UC.

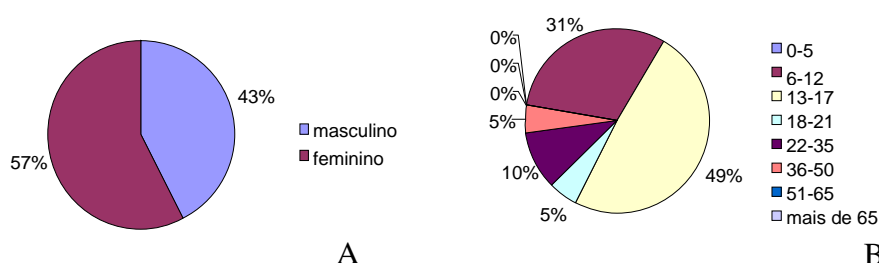


Figura 13: Gênero do grupo de alunos e professores visitantes do PETP nos quais se aplicou o questionário (A) e sua faixa etária (B). Fonte: Ikemoto (2008)

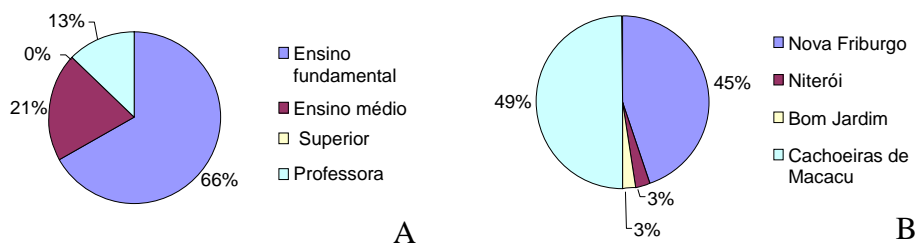


Figura 14: Grau de escolaridade do grupo de alunos e professores visitantes do PETP que preencheram o questionário (A) e sua cidade de origem (B). Fonte: Ikemoto (2008)

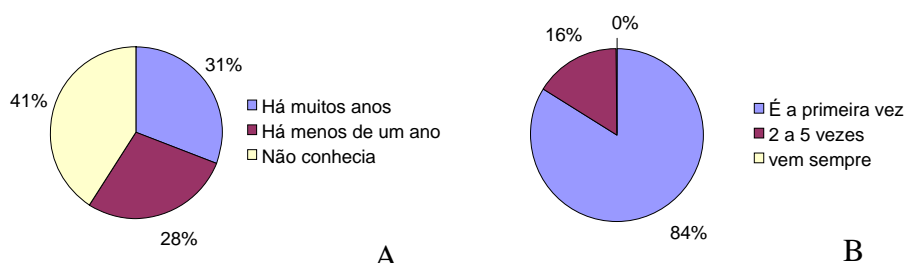


Figura 15: Tempo que o visitante afirmava conhecer o PETP (A) e número de vezes que o visitante já veio ao PETP. Fonte: Ikemoto (2008)

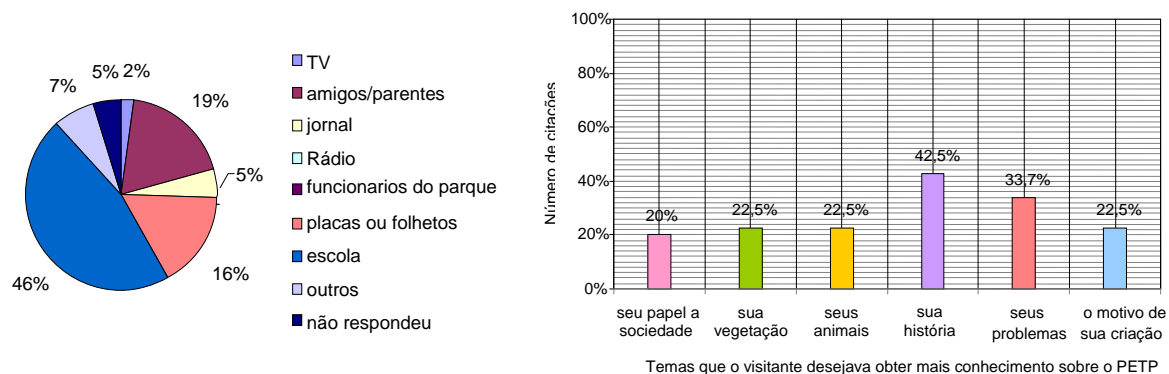


Figura 16: Forma através da qual o visitante conheceu o PETP (A) e temas sobre o PETP que o visitante desejava obter mais conhecimento após ter realizado a visita (B). Fonte: Ikemoto (2008)

Ao final da visita guiada, a maior parte dos alunos desejava obter mais informações sobre o PETP, principalmente sobre o seu aspecto histórico e seus principais problemas (figura 16B). O resultado, semelhante à percepção do visitante, indica que esses temas são possivelmente sub-interpretados, devendo ser repensados e melhor trabalhados para trilhas guiadas e auto-guiadas.

Quanto ao grau de preferência a determinado meio de interpretação (quadro 4), os alunos apreciam receber informações primeiramente em trilhas com guias. Em seguida, através de coleções de fauna e flora, fotos e pinturas, folhetos explicativos e dinâmicas/jogos. Os centros de visitantes, placas informativas e vídeos, por sua vez, são menos valorizados, sendo as palestras o meio de interpretação menos apreciado. É interessante observar que os visitantes comuns e os grupos escolares possuem preferências distintas em relação aos meios de interpretação, ordenados praticamente de forma inversa. Assim sendo, num programa de IA, é importante que se contemplem diferentes meios de interpretação em função dos diversos públicos-alvo. A trilha, no entanto, é consensualmente o meio de interpretação mais valorizado para todas as categorias de visitantes, o que ressalta a sua relevância para a promoção da IA no PETP.

Dentre as implicações do ordenamento dos meios de interpretação, é

importante ressaltar que não se justifica por si só a restrição ou impedimento o uso dos recursos com menor grau de preferência. A escolha dos meios de interpretação deve ser determinada não apenas em função das expectativas do visitante, mas também dos diferentes objetivos, demandas e disponibilidade de recursos humanos e financeiros da UC. Além disso, há a possibilidade do uso simultâneo e complementar de mais de um meio de interpretação para atingir um objetivo numa atividade.

Quadro 4: Ordenamento dos meios de interpretação em função do grau de preferência dos alunos e professores, obtido através da soma do valor atribuído por esses atores.

Meio de interpretação	Valor
Trilhas com guias	94
Coleções de fauna e flora	91
Fotos e pinturas	91
Folhetos explicativos	84
Dinâmicas e jogos	84
Centro de visitantes	82
Placas informativas	78
Vídeo	69
Palestras	55

Fonte: Ikemoto (2008)

Os aspectos topofílicos percebidos pelos alunos em relação ao parque foram agrupados em categorias comuns, entre elas as sensações, os atrativos naturais e serviços/usos do PETP. As sensações psíquicas positivas (bem estar, alegria, harmonia, combate ao estresse) e transcendentais (imensidão, Deus), além das sensações físicas agradáveis (vento fresco, temperatura boa e ar puro) são comumente citadas. Os alunos se identificam e apreciam o trabalho de conservação e cuidado com a floresta, a visita (caminhada, amigos) e as informações dadas pelo guia, além do Jequitibá-rosa, a paisagem, as plantas, as grutas e a fauna (barata d'água e abelha cachorra).

Os aspectos topofóbicos, por sua vez, podem ser categorizados em ações

predatórias, tais como a presença de itens religiosos na mata; a conduta inapropriada de outros visitantes, como o desrespeito ao intérprete e alunos gritando; além da possibilidade de acidentes causados por insetos.

Os alunos também alimentam expectativas em relação à visita, como o avistamento de animais, o que geralmente não ocorre em função dos ruídos, da distribuição esparsa e da mobilidade da fauna, gerando insatisfação, tais como os relatos “Foi triste por que os animais não apareceram na nossa visita”, “Foi ruim que a gente não viu nenhum animal”. A fauna, apesar de ser considerada um forte atrativo e ser muito valorizada por públicos jovens, possui distribuição geográfica difusa e sua presença é inconstante ou eventual no interior e no entorno das trilhas, o que dificulta explorá-la como um recurso interpretativo. O contato do visitante com fauna pode ser direto, de forma ao mesmo poder visualizá-la e descrevê-la com detalhes, no entanto, grande parte das espécies é sensível ao ruído e à presença humana, sendo um verdadeiro desafio ao visitante avistá-las. O contato indireto, como a presença de rastros e pegadas e o reconhecimento de sonorizações e cantos, por sua vez, é mais freqüente e viável de ser explorado de forma interpretativa em trilhas, podendo ser igualmente atrativo através de um trabalho de interpretação adequado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo e caracterização da percepção ambiental dos visitantes, foi possível gerar dados sobre as características e preferências dos visitantes e no monitoramento dos impactos da IA, auxiliando no aperfeiçoamento contínuo das técnicas e na determinação de métodos aplicados. A técnica foi identificada como uma ferramenta potencial de avaliação e indicador importante para o monitoramento das atividades turísticas e educativas em espaços naturais. Dentre as informações relevantes geradas pela análise da percepção dos atores, destaca-se a compreensão limitada dos visitantes sobre a finalidade da UC e a necessidade de

capacitar os condutores do PETP para, através de recursos e técnicas, minorar a dispersão, despertar o interesse e promover a conscientização ambiental em todos os públicos. As intervenções e manejos na trilha foram valorizados e apreciados pelos visitantes, sendo considerados adequados ao público do PETP. Dentro das discussões e ações da IA, é imperativo promover a integração e a capacitação dos educadores como parceiros e multiplicadores ambientais; oferecer meios de interpretação diferenciados para grupos escolares e visitantes e inserir na interpretação as questões sócio-culturais locais, tais como a história e problemáticas do PETP.

Quanto à Interpretação Ambiental, distorções do papel e da relevância das UCs podem ser minoradas incorporando no discurso questões relacionadas ao histórico do parque, o motivo de sua criação, a relação da unidade com o entorno, a relação e dependência humana dos recursos naturais e as atividades realizadas dentro e no entorno da unidade, dentre outras. As demonstrações são recursos educativos estratégicos na medida em que dão visibilidade às ações desenvolvidas nas áreas protegidas e estimulam e aguçam a curiosidade do visitante. Simulações simplificadas de combate a incêndio, exposição de materiais apreendidos em ações fiscalizatórias, apresentação de unidades demonstrativas de recuperação de áreas degradadas são exemplos comuns em UCs e de alto potencial educativo.

O professor pode ser um dinamizador do conhecimento a partir do momento que estimula seus alunos, participa da IA inicia e dá continuidade ao processo além dos limites da UC. A atividade interpretativa, de curta duração e limitada no ambiente natural, ganha novos significados e maior efetividade quando é estendida pelo educador na escola. Instituições como o Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ), percebendo a relevância do professor para o sucesso da atividade interpretativa, seu potencial como multiplicador e sua carência de informações quanto aos espaços naturais, tem promovido continuamente a capacitação dos educadores para conduzir seus alunos em visitas educativas ao local e oferecido materiais de apoio. Dessa forma, é interessante que as UCs, tal como o PETP sigam

essa tendência, sendo não somente espaços com potencial educativo, mas também como formadores de articuladores, multiplicadores e educadores ambientais.

Apesar de todas as trilhas do PETP serem auto-guiadas, não sendo obrigatória a presença de guias ou condutores, é importante e urgente que se desenvolvam cursos capacitação dos funcionários ou de condutores ambientais, de forma a profissionalizar e organizar a atividade de condução de visitantes, bem como ampliar, qualificar e uniformizar os serviços oferecidos. Dessa forma, é necessária a elaboração dos roteiros temáticos, o que pressupõe a produção do conhecimento local sobre a trilha, sua caracterização e inventário dos seus recursos, fundamentais na medida em que minimizam possíveis incoerências, criando uma referência objetiva e confiável.

Os funcionários atuam como condutores em grande parte das UCs, no entanto, devido crescente demanda de trabalho e o déficit quantitativo e qualitativo de profissionais, outras possibilidades tem sido discutidas. Outras experiências demonstram sucesso com a contratação de condutores/monitores, moradores locais capacitados, credenciados e absorvidos perante os órgãos ambientais. A Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo (SMA), por exemplo, através da Resolução SMA-SP 32/98, de 31 de março de 1998 (SÃO PAULO, 1998), regulamentou o credenciamento de monitores ambientais nas unidades de conservação do estado de São Paulo, estabelecendo uma grade curricular mínima para os cursos de monitor ambiental. A contratação e capacitação de moradores locais como condutores ambientais, dessa forma torna-se uma alternativa para as Unidades com demanda de visitação expressiva ou sazonal e possibilita a complementação de renda para as comunidades do entorno.

As atividades interpretativas no PETP, dirigidas pelo contato com a natureza, possibilitaram sensibilizar os visitantes e alunos, introduzindo marcos afetivos em relação a natureza, a UC e/ou aos seus atrativos, entre os quais, o exemplar de Jequitibá-rosa. A partir do estudo da percepção ambiental, foi possível identificar as

impressões dos visitantes e alunos, as quais reafirmaram a real contribuição do ecoturismo e da Interpretação Ambiental para a transformação dos sentimentos, valores e atitudes individuais.

O estudo da percepção ambiental voltado para a IA permitiu levantar uma gama de expectativas e sugestões dos visitantes, indicativos de ações que podem ser desenvolvidas para melhorar a qualidade da experiência na UC e a satisfação do visitante. O estudo da percepção ambiental, dessa forma, não só contribuiu na identificação do público alvo, ou seja, para a caracterização do perfil do visitante, sua motivação e expectativas em relação à UC, como também fundamentou a definição subsequente dos possíveis meios e técnicas mais apropriadas para seu público. Utilizado de forma contínua, constitui-se importante instrumento de avaliação dos resultados através do monitoramento, garantindo o aperfeiçoamento e a adequação do programa de Interpretação Ambiental.

Não há como dissociar a Interpretação Ambiental de práticas relacionadas ao plano de uso público da Unidade de Conservação, dentre elas, a percepção ambiental. Os estudos de percepção ambiental são essenciais para referenciar programas de educação ambiental em UCs e para se levantar suas expectativas, impressões e sugestões, buscando aperfeiçoar os programas de uso público e, conseqüentemente, a experiência ecoturística. Dessa forma, as pesquisas de percepção ambiental podem ser consideradas pré-requisitos imprescindíveis para se promover maior conscientização ambiental dos ecoturistas visitantes e a efetiva conservação ambiental das Unidades de Conservação.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa qualitativa e quantitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Diretrizes para Visitação em Unidades de Conservação**. Brasília: Secretaria de Biodiversidade e Florestas, Diretoria de Áreas Protegidas, 2006.

COSTA, V. C. Planejamento e Manejo de Trilhas: Impactos pelo uso do turismo desportivo e eqüestre: alguns exemplos. In: I CONGRESSO NACIONAL DE PLANEJAMENTO E MANEJO DE TRILHAS, 1., 2006, Rio de Janeiro. **Anais....** Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2006. p. 1-20. CD-ROM.

DE FIORI, A. **A percepção como instrumento de apoio a programas de Educação Ambiental da Estação Ecológica de Jataí (Luiz Antônio, SP)**. 2006. 113 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Faculdade de Ciências Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

FERREIRA, C. P. **Percepção ambiental na Estação Ecológica de Juréia-Itatins (SP/Brasil)**. 2005. 156 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Instituto de Eletrotécnica e Energia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA; INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica: período 2000-2005**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2008.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

IKEMOTO, S. M. **As trilhas interpretativas e sua relevância para promoção da conservação: Trilha do Jequitibá, Parque Estadual dos Três Picos (PETP), RJ**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Instituto de Geociências. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

IRVING, M. A. Refletindo sobre o Ecoturismo em Áreas Protegidas – tendências no contexto brasileiro. In: IRVING, M. A; AZEVEDO, J. (Org.). **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002. p. 47-68.

IRVING, M. A. Turismo como instrumento para desenvolvimento local: entre a potencialidade e a utopia. In: D'AVILA, M. I.; PEDRO, R. (Org.). **Tecendo o**

desenvolvimento: saberes, gênero e ecologia social. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 167-184.

LIMA, S. T. Trilhas Interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem. **Cadernos Paisagens**. Rio Claro, Paisagem 3, nº. 3, p. 39-44, mai. 1998.

MACEDO, R. L. G.; VENTURIN, N.; ANDRETTA V.; AZEVEDO, F. C. S. Pesquisas de Percepção Ambiental para o entendimento e direcionamento da conduta ecoturística em Unidades de Conservação. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECOTURISMO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 1, 2007, Itatiaia. Anais... Itatiaia: Instituto Physis, 2007. p. 1-10. CD-ROM.

MALTA, R. **Valoração econômica dos serviços recreativos e ecoturísticos em unidades de conservação:** o caso do Parque Nacional da Tijuca (Rio de Janeiro-RJ). 110 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

PACHECO, E.; SILVA, H. Compromissos epistemológicos do conceito de Percepção Ambiental. In: SEMINÁRIO DE ÁREAS PROTEGIDAS E INCLUSÃO SOCIAL, 2., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. p. 1-5. CD-ROM.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do turismo:** teoria e epistemologia. São Paulo: Aleph, 2005.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Decreto Estadual nº 31.343 de 05 de junho de 2002.** Cria o Parque Estadual dos Três Picos, no Estado do Rio de Janeiro, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.ief.rj.gov.br/legislacao/docs/31343.doc>>. Acesso em: 15 abr. 2007.

RIO DE JANEIRO (Estado). Secretaria do Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Parque Estadual dos Três Picos**. s.d. Disponível em: <<http://www.semads.rj.gov.br/default.asp>>. Acesso em: 01 dez. 2006.

RODRIGUES, G. S. S. C. **Representações da paisagem do Parque Nacional da Serra da Canastra- MG:** o olhar do viajante, da população local e do geógrafo. 98 f. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RUSCHMANN, D. M. **Turismo e planejamento sustentável:** a proteção do meio ambiente. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Resolução SMA-SP 32/98, de 31 de março de 1998. Regulamenta a visitação pública e credenciamento de guias, agências, operadoras e monitores ambientais, para o ecoturismo e educação ambiental nas Unidades de Conservação do Estado. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**. São Paulo, SP, 02 abr. 1998. Seção I, p. 63.

TALORA, D. C.; DELGADO-MENDEZ, J. M.; PIMENTEL, D. S.; MAGRO, T. C. A Interpretação Ambiental como instrumento de gestão de Unidades de Conservação. In: CONGRESSO NACIONAL DE PLANEJAMENTO E MANEJO DE TRILHAS, 1., 2006, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2006. p. 1-15. CD-ROM.

TOSSINI, R. M. T. **Percepção e caracterização ambientais da área da verde da microbacia do Córrego da Água Quente (São Carlos, SP) como etapas de um processo de Educação Ambiental**. 2005. 274 f. Tese (Doutorado em Ciência de Engenharia Ambiental) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos. 2005.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

VASCONCELLOS, J. M. O. **Avaliação da visitação pública e da eficiência de diferentes tipos de Trilhas Interpretativas do Parque Estadual Pico do Marumbi e Reserva Natural Salto Morato – PR**. 1998. 88 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

NOTA

¹ Pela inviabilidade de disponibilizar a transcrição das falas e suas respectivas unidades de significado no presente artigo, o processo foi somente representado e demonstrado no quadro 1, e encontra-se disponível em sua totalidade e extensão em Ikemoto (2008).

AGRADECIMENTOS

À Equipe do Parque Estadual dos Três Picos pelas contribuições e apoio ao trabalho, e ao Instituto Estadual de Florestas do Rio de Janeiro, que permitiu a execução deste estudo. Agradecimentos pelas contribuições e pela participação nos trabalhos de campo à Nadja C. Costa e Vivian C. Costa.

RESUMO

Neste estudo, buscou-se compreender como os atores da Interpretação Ambiental (intérpretes, visitantes, alunos e professores) se relacionam com o Parque Estadual dos Três Picos (PETP), especialmente na trilha, discutindo as implicações para o sucesso da Educação e Interpretação Ambiental. Foram aplicados questionários e formulários para caracterização do perfil dos atores, e entrevistas semi-estruturadas e a observação participante para o estudo da percepção ambiental. A análise dos dados consistiu na transcrição dos discursos e da sua redução em unidades de significados. O estudo permitiu levantar uma gama de expectativas e sugestões dos visitantes, indicativos de ações que podem ser desenvolvidas para melhorar a qualidade e satisfação do visitante. Dessa forma, a percepção ambiental pode contribuir no aperfeiçoamento contínuo do Uso Público e das técnicas e métodos aplicados de Interpretação Ambiental.

Palavras-chave: Percepção Ambiental. Interpretação Ambiental. Trilha. Parque Estadual dos Três Picos (PETP). Unidades de Conservação. Educação Ambiental.

ABSTRACT

This research intends to comprehend how the Environmental Interpretation actors (visitors, guides, teachers and scholars) interact and perceive Tres Picos State Park, especially in the hiking trail. The implications for the achievement of Environmental Education and Interpretation were discussed. Questionnaires and formularies were applied for description of the actors' profile. Semi-structured interviews and participant observation were applied to understand their environmental perception. Data analysis consisted of the transcription of interviewee speech and its reduction to meaning units. The study of Environmental Perception allowed the raising of suggestions and expectatives of the visitors, the action points that could be developed to improve the quality of the visit and their satisfaction. Therefore, environmental perception could contribute to continuous improvement of Conservation Unit Public Use and Environmental Interpretation methods and techniques.

Key words: Environmental Perception. Environmental Interpretation. Hiking Trail. Tres Picos State Park. Conservation Units. Environmental Education.

Informações sobre as autoras:

[1] Silvia Marie Ikemoto – <http://lattes.cnpq.br/5691983845440693>

Bióloga, Especialista em Controle e Gestão Ambiental (UGF) e Mestre em Ciência Ambiental (UFF). Especialista Ambiental da Coordenaria de Recursos Hídricos, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo – SMA.

Contato: ikemosm@yahoo.com.br

[2] Moemy Gomes de Moraes – <http://lattes.cnpq.br/5678716451015561>

Bióloga, Mestre e Doutora em Botânica, Professora do Departamento de Biologia Geral da Universidade Federal de Goiás – UFG.

Contato: moemy@icb.ufg.br